



casadesarmiento

centro de estudos do património

Sinais gravados em rochas

Francisco Martins Sarmiento

A Renascença, Porto, 1878, pág. 25

Na *Revue Archéologique* de Dezembro último, M. Mazard dá conta duma memória de S. Rivett Carnac acerca de alguns sinais gravados em rochas, por ele descobertos na Índia, e muito semelhantes a outros que os arqueólogos têm encontrado na Europa. Entre estes sinais figuram os círculos concêntricos, de que somente nos ocupamos pelas razões que hão-de ver-se.

É muito conhecida a opinião de M. Henri Martin sobre o carácter originariamente céltico destes desenhos, O facto porém de aparecerem insculpidos em monumentos megalíticos, cuja celticidade é hoje mais que duvidosa, deixou aquela opinião extremamente abalada, e deu margem a hipóteses que esperaram de descobertas ulteriores a sua confirmação, ou rejeição. Uma delas, por exemplo, sugerindo que tais figuras, por muito rudimentares, seriam comuns a todos os povos na infância, ficou fora do debate, mal se mostrou que os chamados homens das cavernas, entre os quais a gravura havia chegado a um adiantamento notável, desconheciam completamente esta espécie de ornamentação (M. Mortillet, *Revue scientifique*, 17 de Março de 1877).

Adoptaram-na os celtas dos povos que os precederam na Europa?

Os factos, recolhidos na Índia por S. Carnac, dão indirectamente a esta segunda hipótese uma certa consistência. Os indígenas informaram-no de que os misteriosos sinais, quase sempre

relacionados, diga-se de passagem, com megálitos parecidos aos da Europa, não eram obra dos pais de seus pais, mas dos *goalas*, raça de pastores que na Ásia Central precedeu os árias, e de quem se lembram também as tradições de outros países, tais como o Egipto e a Sibéria. Não obstante isso, um fakir, diante do qual S. Carnac traçou as figuras



decifrou imediatamente: Mahadeo (Mahadeva, Siva? — pergunta M. Mazard), e os *amyns*, encarregados de demarcar o terreno para os templos daquela divindade, não usam doutro sinal.

O que resulta destes factos — pondo de parte outras considerações, estranhas ao fim deste escrito — é que para os árias da Ásia os círculos concêntricos têm ainda hoje um valor simbólico, um significado religioso. Que o tivessem igualmente para os seus irmãos da Europa é provável, e, sem sairmos de casa, podemos reproduzir uma gravura, que nos parece digna de estudo, não só pela sua analogia com o sinal Mahadeo, mas por estar, a bem dizer, assinada.

Entre os círculos e elipses dobradas, muito triviais na Citânia, encontra-se:



Camal pode ser o nome dum deus, ou dum homem. M. Maury (*Croyances et Légendes*) reuniu todas as inscrições que demonstram a existência do deus céltico Camul ou Camal (Comp. Carnulodunum, Camalodunum), e autorizam os mitógrafos a identificá-lo com Marte. De simples mortais, adoptando este nome espaventoso, só na Gallæcia Bracaria há memórias de mais duma dúzia. Citaremos, por aludir ao deus céltico Bormânico (Comp. Belloguet, *Gloss. Gaulois*, 400, 401), uma inscrição de Vizela: MEDAMVS CAMALI BORMÂNICO v. s. L. M.

Na Citânia este nome aparece gravado mais de quinze vezes, quer em pedra, quer em barro. Infelizmente as epigrafes são dum



laconismo por demais. A mais extensa diz: CORONERI CAMALI DOMVS. Em fragmentos de vasos grosseiros, sem que possa confundir-se com a marca do oleiro que os fez, mas devendo tomar-se como a do proprietário para quem foram feitos (Caumont, *ABC*, I, II), o nome de Camal, em monograma, vem sempre precedido do monograma Arg. Às vezes a disposição gráfica obrigaria a ler Airg Camali. Em O'Reilly (*Irish-english dict.*) Airg é o genitivo de Arg = *a prince*, e as duas lições não são as mais próprias para desalentar os que se lembrem de ver em Arg um epíteto honorífico céltico, correspondendo até certo ponto ao *arglwydd* dos câmbrios (comp. Walter, *Das Alte Walles*, 62).

Seja como for, na Citânia houve um Camal, homem, que teve um filho Coronero, e uma celebridade que devemos crer bem merecida. Este nome é inegavelmente céltico. Seria temerário afirmar se o Camal, mencionado a par da gravura citaniense, é o mesmo indivíduo tão querido dos lapícidas e oleiros da localidade, ou se era uma entidade da categoria de Mahadeo. A primeira suposição é a mais plausível; mas, ainda neste caso, a associação do nome do herói e do sinal dá a este um cunho de consagração incontestável, e o gravador devia compreender-lhe o sentido místico, pelo menos tão bem como o fakir índio compreende ainda hoje o simbolismo dos do seu país.